MOVIMENTOS DE MULHERES EM PARINTINS (AM): organização, atuação e luta feminista.

Emily de Jesus Ferreira[1]

Lucas Milhomens Fonseca[2]

RESUMO

O movimento de mulheres e feminista tem se destacado cada vez mais no mundo e é referência na luta pelos interesses desse segmento e de outros grupos sociais. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo mapear e conhecer os movimentos de mulheres existentes no município de Parintins (AM), destacando sua composição, organização e atuação. Para tanto, buscamos elucidar sobre atuação do movimento feminista nacionalmente, em seguida abordamos a violência contra as mulheres como uma das principais bandeiras de luta deste movimento. Por fim, sintetizamos os movimentos liderados por mulheres no município de Parintins, pontuando como o protagonismo feminino tem marcado os movimentos sociais das últimas décadas. Este trabalho foi elaborado a partir da pesquisa sobre movimentos sociais do Baixo Amazonas, desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

Palavras-chave: Movimentos sociais. Movimentos de mulheres. Feminismo.

ABSTRACT

The abstract, indented 5 centimeters from the left margin, must not exceed 150 words in English, without paragraphs, body 10, single space, with the respective keywords The women's and feminist movement has increasingly stood out in the world and is a reference in the struggle for the interests of this segment and other social groups. From this perspective, the present work aims to map and understand the existing women's movements in the municipality of Parintins (AM), highlighting their composition, organization and performance. Therefore, we seek to elucidate the role of the feminist movement nationally, then we approach violence against women as one of the main struggles of this movement. Finally, we summarize the movements led by women in the municipality of Parintins, pointing out how female protagonism has marked social movements in recent decades. This work was based on research on social movements in the Lower Amazon, developed with the support of the Amazonas State Research Support Foundation (Fapeam).

Keywords: Social movements. Women's Movements. Feminism.

[1] Pesquisadora pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas/Fapeam; Bacharela em Serviço Social; emilydejesus53@gmail.com

[2] Professor da Universidade Federal do Amazonas/Ufam; Doutor em Educação Unicamp; lucasmilhomens@ufam.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, o Brasil viveu um processo de redemocratização marcado por reivindicações sociais encabeçadas pela população brasileira, que se mostrava inquieta e insatisfeita com o período da ditadura civil-militar (1964 -1985). Esse momento histórico foi alvo de muitos questionamentos pela sociedade organizada e insurgiram diversos movimentos sociais, como o movimento estudantil, sem-terra, de metalúrgicos, de mulheres, entre outros. Nesse ínterim, os movimentos sociais da década de 1980, bem como os que surgiram nas décadas de 1990 e 2000, foram fundamentais para o processo de construção da cidadania no Brasil, pois foram e são elementos de transformação social, detêm ideias, estratégias, saberes inovadores, e através de suas ações revelam interesses, identidades, subjetividades e projetos de variados grupos sociais (GOHN, 2013).

Um importante acontecimento histórico é ilustrativo disso. O movimento “Diretas Já” surgiu no parlamento e uniu partidos políticos de oposição (PMDB, PDT e PT) com diversas organizações sociais para reivindicar eleições presidenciais diretas. Segundo Reis (2010), os comícios e as mobilizações de rua marcaram esse movimento. Para se ter uma noção, em 12 de janeiro de 1984, cerca de trinta a cinquenta mil manifestantes compareceram em um comício em Boca Maldita na cidade de Curitiba. Em 25 de janeiro de 1984, foi a vez da Praça da Sé (São Paulo) contar com a presença de trezentos mil manifestantes. No dia 10 de abril do mesmo ano, no Rio de Janeiro, o comício da Candelária reuniu cerca de um milhão de pessoas, e alguns dias depois, em São Paulo, o número registrado foi de 1 milhão e quinhentas mil pessoas. Nessas manifestações participavam diferentes personalidades: famosos, lideranças políticas, jogadores de futebol, artistas etc. realizando um verdadeiro “carnaval da democracia” (REIS, 2010, p. 230). Tal movimento durou 15 meses e ganhou proporção nacional se consagrando como um dos movimentos sociais mais importantes da história do Brasil.

É dentro dessa perspectiva que apresentamos o conceito de movimentos sociais como “ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários

da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil" (GOHN, 1997, p. 251).

Nesse contexto, o movimento de mulheres se destaca como um dos mais potentes no mundo e é referência na luta pelos interesses das mulheres. Carneiro (2003) aponta que tais movimentos, além de terem sido fundamentais nesse processo de democratização, foram responsáveis pela criação de órgãos que buscaram fomentar políticas públicas voltadas para a igualdade de gênero e a não discriminação da mulher, como também foram protagonistas no enfrentamento à violência contra a mulher e suas expressões mais latentes, como a violência doméstica e sexual.

Este estudo é resultado da pesquisa intitulada "Movimentos Sociais do Baixo Amazonas: processos comunicacionais nas lutas e resistências dos atores coletivos de Parintins e região", desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo mapear e conhecer os movimentos de mulheres existentes no município de Parintins (AM), buscando destacar sua composição, organização e atuação. O percurso metodológico adotado precisou ser readequado tendo em vista a situação pandêmica que se encontra no mundo, em especial no Brasil. Desse modo, os sete movimentos de mulheres que atuam no município de Parintins foram entrevistados por meio de entrevista virtual.

2 BREVES NOTAS SOBRE O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL.

Cisne (2015) pontua que no Brasil os movimentos de mulheres e feminista tiveram encontros e desencontros. Isso porquê nem todos os movimentos de mulheres podem ser considerados feministas, porém, ainda assim, todos os movimentos feministas são movimentos de mulheres, afinal, a luta das mulheres é o que os une. A autora destaca que no país, especificamente no século XX, inicia uma luta sufragista que se fortalece gradativamente a partir da década de 1920. Quando se espraia nacionalmente, é possível notar três vertentes no movimento que, de acordo com Cisne (2015), pode ser definido no primeiro momento como feminismo

"bem-comportado", no segundo momento como o feminismo "difuso", e no terceiro como movimento aliado aos ideais anarquistas.

De modo geral, o movimento feminista somente se consolidou como movimento social no Brasil na década de 1970, antes disso, percorreu um longo caminho. Em sua primeira vertente contou com mulheres cultas e da alta sociedade, mulheres que haviam estudado no exterior e de lá trouxeram influência do movimento sufragista.

> No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. [...] brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010, p. 15-16).

Entretanto, nesse contexto histórico, o feminismo brasileiro seguia a tendência dos países centrais: liberal e desprendido de questionamentos sobre o patriarcado e o capitalismo como sistemas estruturais. Assim, o movimento buscava basicamente por direitos políticos, essencialmente pelo voto, que se configurou como a primeira conquista deste movimento no país.

Foi ainda no início do século XX que a segunda vertente se manifestou no movimento. Temas como educação, sexualidade e divórcio passaram a ser alvo de debates, assim como cresceu o questionamento a respeito da dominação masculina e a falta de mulheres na cena pública. Esse feminismo "difuso" ainda era representado pelas mulheres burguesas e intelectuais, em sua maioria jornalistas e escritoras. Cisne (2015) disserta que a terceira vertente aparece articulada com o anarquismo, no âmago do movimento operário de mulheres. Pinto (2010), corrobora que nesse momento, um grupo de operárias formaram a União de Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas, na qual, em suas reivindicações, passaram a difundir os preceitos anarquistas no país, tendo elas, em 1917, realizado um manifesto que colava em cena a condição de exploração que as mulheres trabalhadoras aqui viviam. Nesse período, o movimento feminista é permeado por mulheres que reivindicavam a causa

trabalhista, fazendo com que a exploração do trabalho fosse central nos manifestos sobre a desigualdade entre os gêneros.

> Ao identificar a dominação dos homens sobre as mulheres, mais que isso, ao perceber que a dominação dos homens possui como base a exploração das mulheres, esse feminismo passa a confrontar o patriarcado e, também, o capitalismo, pois a centralidade da luta em torno da questão do trabalho levou muitas mulheres anarquistas e comunistas a deflagrarem lutas contra a jornada intensa e extensa de trabalho, a desigualdade salarial e a exploração capitalista de uma maneira geral. Com isso, passam a confrontar-se diretamente com a classe dominante. Não é à toa, portanto, que essas mulheres somaram-se a perspectiva do feminismo "mal comportado", na medida em que confrontavam poderes. Distanciavam-se, assim, do feminismo "bem-comportado" das sufragistas, que além de não confrontar os poderes existentes, buscava apoio neles (CISNE, 2015, n.p).

Em 1937, em virtude do golpe do Estado Novo, o movimento feminista acaba sendo freado no Brasil, porém, nos anos de 1950, algumas mulheres se organizaram em movimentos contra a carestia, criando os clubes de mães. Eram mulheres pertencentes às classes populares, moradoras de bairros periféricos, que lutavam por melhorias nos serviços públicos de saúde, educação, saneamento básico, habitação, etc. e mesmo recebendo apoio e influência da Igreja Católica, tais grupos perduraram somente até o ano de 1970 (PINTO, 2010). Conforme a autora, a década de 1960 provocou profundas mudanças no mundo ocidental e consequentemente para o movimento feminista.

> Durante a década, na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo (PINTO, 2010, p. 16).

No Brasil, com a ditadura civil militar, a luta das mulheres se alia à luta contra a ditadura, onde encontram diversas formas de se organizar, resistir e exercer a luta, pois aqui se vivia um período de " repressão total da luta política legal, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha" (PINTO, 2010, p. 16). De acordo com a autora, o feminismo não era visto com bons olhos pelo

regime civil militar, uma vez que era considerado um movimento político no qual as mulheres eram rotuladas moralmente como “perigosas”.

Em meados da década de 1970, manifestações feministas se intensificaram no país. Muito disso se deve a chegada de algumas mulheres exiladas na Europa, as mesmas conheceram o ideário feminista quando lá estavam e “vivenciaram um clima de revolução cultural e de costumes que colocavam em xeque a naturalização do poder do homem” (CISNE, 2015, n.p). Ganha destaque o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris que, durante 1975 a 1977, buscaram organizar o movimento no Brasil, enviando material e mobilizando outras mulheres a participarem de comissões e assembleias feministas. Foi nessa década que o feminismo se consolidou como um movimento de auto-organização das mulheres e, nos anos de 1980, num período de efervescência política pela redemocratização do país, estas desencadearam lutas incansáveis pelos seus direitos, discutindo temas como “violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais” (PINTO, 2010, p. 17).

Decorrem disso diversas conquistas, dentre elas, a presença das mulheres nas universidades, onde desenvolveram pesquisas sobre saúde e violência contra à mulher (CISNE, 2015); a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher em 1984, que acabou sendo esquecido durantes os governos de Collor e FHC; e a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres no governo Lula. Durante os anos 2000, criaram-se Delegacias Especializadas da Mulher em todo o país e em 2006 ocorre a promulgação da Lei Maria da Penha (PINTO, 2010). Também ocorreram duas Conferências Nacionais para a Política da Mulher, uma em 2005 e outra em 2007 que contou com “mais de 3000 mulheres e produziram alentados documentos de análise sobre a situação da mulher no Brasil” (PINTO, 2010, p. 17).

Não é à toa que a violência contra as mulheres se tornou uma das principais pautas do movimento feminista, o qual passou a exigir do Estado o seu reconhecimento como uma questão pública. Dessa forma, para compreender a complexidade da violência, requer também o entendimento de como isso está relacionado as desigualdades de gênero, raça e classe e de como isso atinge as mulheres de formas particulares. É necessário desvelar sobre os fundamentos que

dão origem ao fenômeno exploração/opressão, o qual as mulheres foram relegadas a séculos. Somente assim constataremos a importância da luta feminista, desde sua gênese até a contemporaneidade.

Ao longo da história, a violência vem sendo praticada contra as mulheres de diversas formas como um mecanismo de controle e subordinação desse segmento. Do ponto de vista de Barroso (2018), a violência contra as mulheres é necessária e ao mesmo tempo produto de três sistemas: patriarcado, racismo e capitalismo. Para a referida autora, patriarcado e capitalismo possuem uma relação de imbricação estrutural, na qual engendra determinadas opressões nas relações sociais. Ou seja, são indissociáveis, dependem um do outro, e não atuam de forma autônoma na sociedade.

A relação entre exploração e opressão está ligada diretamente a essa questão estrutural existente entre patriarcado e capitalismo, posto que “essa imbricação (nó) revela hierarquias e privilégios nas relações sociais de sexo/gênero, étnico-raciais e classe” (BARROSO, 2018, p. 163). Nesse sentido, não podemos separar exploração capitalista de opressão patriarcal, uma vez que, como afirma Barroso (2018) citando Saffioti (1984) estes não são fenômenos distintos, mas se manifestam em dimensões específicas: politica, cultural, social, sexual, etc.

Nesse ínterim, a violência contra as mulheres é fruto do *modus operandi* dessa sociabilidade. Por ser um tema complexo, sua apreensão requer estudo aprofundado e relacionado aos processos sociohistóricos, para além da visão pontual da violência como tipologias. Nessa perspectiva, concordamos que “a violência contra as mulheres é manifestação da opressão/exploração que se faz síntese na apropriação das mulheres e dos corpos femininos (interdições, restrições, descaso e sujeições), as quais, de forma particular, estão expostas nessa sociabilidade” (BARROSO, 2018, p. 190). Ademais, reconhecer as diversas opressões desencadeadas pelas relações sociais de sexo/gênero, classe e étnico-raciais, concomitantemente exige o reconhecimento de que mulheres pobres, negras e indígenas, etc., sofrem dupla/triplas violências nessa sociabilidade desigual.

Um mundo que é bom para as mulheres é um mundo bom para todos viverem, por isso o feminismo, como movimento político, levanta tantas bandeiras com vistas a

transformação social, livre de violência, opressão e exploração, que só será advinda mediante a luta antipatriarcal, anticapitalista e antirracista.

3 CONHECENDO OS MOVIMENTOS DE MULHERES DE PARINTINS.

Em nossa pesquisa, mapeamos sete (07) movimentos de mulheres que atuam em Parintins, município do interior do estado do Amazonas, onde se realiza o Festival Folclórico de Parintins, uma importante festa de folclore e cultura. Apresentar esses movimentos e suas ações foi um dos nossos objetivos no presente tópico. Para tanto realizamos entrevistas no formato virtual, como já citado no início deste artigo, com as representantes de cada movimento.

Adianto, com base em Gohn (2014), que os movimentos aqui apresentados, se encaixam no primeiro formato organizativo de movimentos sociais na contemporaneidade levando em conta a forma como se estruturam e atuam. São os chamados movimentos identitários que encabeçam lutas por direitos sociais, econômicos, políticos e culturais. Segundo a autora, “são movimentos de segmentos sociais excluídos, usualmente pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente)” (GOHN, 2014, p. 132), como por exemplo, o movimento de mulheres.

O primeiro grupo entrevistado foi a Associações de Mulheres Vitória Régia. Este movimento surge na segunda metade da década de 1980 e se fortalece ao longo dos anos:

> A associação [...] nasce com o movimento de mulheres em Parintins no ano de 1986 aproximadamente. Durante esses anos, várias organizações surgiram. Surge nesse primeiro período, a primeira associação de mulheres, depois as associações enfraquecem um pouco e segue os vários movimentos até chegar em 2012 quando nós não tínhamos uma organização que nos representasse, que tivesse a cara do movimento de mulheres desde quando surgiu.[...] nós já tínhamos um grupo de mulheres que reunia, que reivindicava vários benefícios para a comunidade e aí os casos de violência sempre só eram divulgados pela imprensa quando a polícia também, ás vezes, prendia. Então surge nesse ano de 2012 a associação [...] (VITÓRIA RÉGIA, 2021).

Esse movimento tem como objetivo principal a defesa dos direitos das mulheres e durante seus anos de atuação lutaram por:

> [...] luta contra a violência contra a mulher, implantação do Conselho Municipal em defesa dos direitos da mulher, implantação e funcionamento da Secretaria de Políticas Públicas para as mulheres, desmembramento da Delegacia Especializada em crimes contra a mulher atual para fazer atendimento humanizado às mulheres, casa abrigo para as mulheres vítimas de violência, etc (VITÓRIA RÉGIA, 2021).

Quando perguntados sobre a forma como atuavam, obtivemos como resposta: “As ações eram basicamente em defesa dos direitos quando eram violados, agíamos acompanhando as vítimas na delegacia, fórum de justiça, hospitais. Promovíamos cursos profissionalizantes como: bijuterias, bonecas e bolsas de pano” (VITÓRIA RÉGIA, 2021). Um dos principais projetos encabeçados por essa associação, em parceria com outros movimentos de mulheres em Parintins, é o projeto de tornar o 8 de março, dia internacional da mulher, feriado municipal no município:

> [...] ultimamente desde 2019, nós ajudamos a fazer o projeto de lei popular pra tornar o 8 de março feriado junto com vários outras organizações [...] nos mobilizamos, fizemos equipe, e fomos atrás de assinaturas. Então a mobilização se dá dessa forma. É claro que é muito difícil, até porque a nossa associação, por exemplo, [...] além de ser organização de mulheres, são trabalhos voluntários e só faz mesmo quem gosta, quem tem a ver, quem é mesmo feminista e que quer ver a libertação das mulheres, [...] aí vai tira do seu tempo, tira do seu afazer pra poder mobilizar, pra que as coisas aconteçam. É assim que tem acontecido sempre, desde o início do movimento de mulheres em Parintins (VITÓRIA RÉGIA, 2021).

Do mesmo modo, em 2012, surge o Colima – Coletivo Mulheres de Fibra da Amazônia. Esse coletivo é fruto de um projeto de extensão realizado pela Universidade Federal do Amazonas, campus de Parintins. O grupo de mulheres participantes do projeto de extensão não pararam com a finalização do mesmo e continuaram com seus trabalhos de artesanato e formação política.

> O objetivo ele contempla uma demanda relativa que é de formação, de promover ações de formação política e qualitativa, com vistas a autonomia econômica das mulheres, haja vista que as participantes do coletivo são todas mulheres vítimas de violência, mulheres artesãs que trabalham por conta própria, que não tem uma renda fixa (COLIMA, 2021).

Nas discussões feitas pelo coletivo, são abordadas pautas comuns do movimento feminista em geral: “violência, patriarcado, direito ao aborto [...] e também a gente sempre tá acompanhando as discussões da Marcha Mundial das Mulheres” (COLIMA, 2021). Como o objetivo do grupo é de promover uma autonomia econômica relativa para as mulheres, as mesmas buscam isso através do artesanato:

> a gente trabalha com fuxico, mas o que nos representa mesmo é a boneca indígena, que nós temos como objetivo de refletir sobre a desigualdade étnico-raciais e de gênero, porque, como eu falo, a boneca indígena é nossa identidade, da mulher cabocla, ribeirinha ela nos representa[...] (COLIMA, 2021).

Gohn (2014) discorre sobre como os movimentos sociais da América Latina rearticularam suas lutas no século XXI. Para autora, tais movimentos se contrapõem ao sistema capitalista, fazendo frente de oposição a políticas neoliberais e lutando contra a pobreza, desemprego, questões estruturais e específicas que atingem as mulheres. Destacam-se as organizações lideradas por mulheres que, desde 2000, tem realizado manifestações emblemáticas:

> em 2001 participaram da 1° Grande Marcha Mundial das Mulheres –MMM-, com 20 mil participantes; em 2003, na 2° Marcha, calculou-se em 40 mil o número de participantes; em 2005, a MMM lançou em São Paulo, no dia Internacional da Mulher, a ‘Carta Mundial das Mulheres para a Humanidade’, com a presença estimada de 30 mil mulheres, de 16 estados brasileiros (GOHN, 2014, p. 157).

A Marcha Mundial das Mulheres, desde seu surgimento representou a luta contra a pobreza e a violência sexista, colocando-se como uma organização anticapitalista. A manifestação de Quebec, no Canadá, em 1995, serviu de inspiração para o movimento, quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros em que bradavam por pão e rosas. Isso de fato marcou a retomada das mulheres às ruas (CISNE, 2015).

O terceiro movimento foi a Associação do Movimento de Mulheres da Amazônia–MANI. Surgiu em 2010, com o intuito de refazer uma antiga associação de mulheres que iniciou nos anos de 1980 em Parintins:

> Desde a década de 80 quando as mulheres, as jovens parintinenses sofriam muitas curras em Parintins, o chamado crime que os homens aí fazem com as mulheres, principalmente as jovens estudantes etc. nós criamos a associação de mulheres de Parintins. [...] muito estupro existia naquela época, que chamavam de curras, ou seja, pegavam uma única vítima pra muitos rapazes, pra muitos homens. Isso eu via até mesmo em sala de aula meus alunos comentando isso e eu ficava assim atônita com isso [...] foi aí que a gente encaminhou uma associação e nessa associação a gente colocou muitos desses criminosos na cadeia [...] (MANI, 2021).

Segundo a entrevistada, o MANI teve como objetivo continuar a luta pela defesa das mulheres, contra a violência doméstica e contra a violência em qualquer circunstância. Atualmente, o Mani se organiza em três pautas de defesa: a primeira é o apoio as instituições que atuam em defesa dos direitos das mulheres e a criação de outras organizações com o mesmo objetivo; a segunda é contribuir com a questão financeira das mulheres, para isso, realizam feiras de artesanatos com produtos fabricados por essas mulheres; e a terceira é contribuir diretamente com a defesa da mulher na sociedade da seguinte maneira:

> [...] quem dera nós tivéssemos condições de não simplesmente trabalhar somente depois do martírio das mulheres, depois dos crimes, que nós pudéssemos realmente trabalhar nas escolas, nos bairros, em todos os lugares. Nós tentamos fazer isso, nos bairros dessas ocupações, por exemplo, conversar com as mulheres sobre os direitos delas etc., mas a gente não prosseguiu. Fizemos um núcleo lá tentando continuar, mas elas não continuaram não, parou ali**,** mas a gente pretende [...] fazer um plano realmente pra participar do dia a dia das mulheres nas comunidades delas, eu acredito que esse é um eixo principal pra que a gente derrote esse grande mal em Parintins (MANI, 2021).

Em 2011, em Parintins, as associações e os movimentos de mulheres se unificaram naquilo que eles chamaram de Central Marias, na qual participaram mais de 10 organizações. Ali foram responsáveis por importantes feitos no município destinados ao segmento das mulheres, como a abertura da Secretaria de Políticas para Mulheres.

> [...] naquela secretaria as mulheres iam, tinham as demandas delas que eram atendidas por advogados, por psicólogos. A questão da geração de emprego e renda, acontecia de forma bem lenta, mas acontecia, as conferências aconteciam, então foi uma conquista pra gente como Central, como movimento de mulher (CENTRAL MARIAS, 2021).

Além disso, desempenhavam ações nos bairros, participavam de conferências públicas e contavam com o apoio das universidades. Com o passar dos anos, a secretaria, fruto da luta dessas mulheres, acabou e muitas mulheres se dispersaram, focaram ainda mais em suas próprias organizações, fazendo com que a Central Marias paralisasse suas atividades.

Outra organização de grande importância no município é a Teia de Educação Ambiental e Interação em Agrofloresta-TEIA, organização que tem o objetivo de "sensibilizar a comunidade sobre a importância do cuidado com os quintais urbanos, na construção de espaços de lazer e de economia familiar e comunitária, com base em princípios agroecológicos e em memórias ancestrais de diálogos com a Mãe Terra por um Bem Viver Universal" (TEIA, 2021). Embora seu objetivo principal seja este, é sensível a questão da violência contra as mulheres e, nesse sentido, intervém de variadas formas:

> Ações que a TEIA já fez? Foram tantas que a gente até se perde. Mais recente foi entre o dia 7 e 8 de março de 2020, Mulheres Desenham Seus Nãos, uma ação que fizemos nas ruínas da Casa da Cultura convocando as artistas plásticas de Parintins, porque quando se trata do mundo da arte, da cultura, geralmente são os homens que aparecem e as mulheres ficam sempre na retaguarda, então a gente tentou dar visibilidade às artistas plásticas de Parintins. Compareceram oito e elas expressaram os seus sentimentos, suas concepções sobre os nãos que as mulheres dizem ao patriarcado, ao machismo institucionalizado. [...] na Casa da Cultura, tivemos a presença das defensoras públicas que espontaneamente foram participar de uma roda de conversa, a roda era "Fala Mana", então nessa roda, as mulheres abriram o coração se sentiram em casa e falaram das dificuldades principalmente de encaminhar as suas questões para as instituições que se dizem de defesa dos direitos da mulher: defensoria pública, ministério público, até os B.Os da delegacia, que é o caso das mulheres que viraram até humor depois nas emissoras de rádio (TEIA, 2021).

Segundo Torres (2020), na contemporaneidade os coletivos de mulheres têm um papel central na luta contra as refrações impostas pela lógica do capital, pois, em seus espaços de discussão questionam o patriarcado e a desigualdade entre homens e mulheres. Embora tenham suas diferenças, a luta é uma só. Isso implica diretamente na importância do lugar de fala que as mulheres devem ter. Para a autora "o lugar de fala é aquele onde ocorre a nucleação dos sujeitos, lugar de expressividade e liberdade de si e do outro, numa abertura para a ontologia das criaturas" (TORRES, 2020, p. 445). Isto é, um lugar de singularidade, onde as mulheres não têm suas falas

desaprovadas ou anuladas, apesar dos antagonismos que permeiam cada uma. Suas vivências são validadas e partilhadas, visto que são problemas que atingem particularmente mulheres e, assim, promove a consciência social e reeducação pessoal, politizando o afetivo.

Mais dois movimentos ganham destaque no município: a UMPIN-União das Mulheres de Parintins e o Coletivo de Mulheres Artistas de Parintins -Tamo Juntas. O primeiro, é um grupo criado em 2017 com objetivo inicial de unir as mulheres parintinenses e ganhar espaços de fala nas universidades. Sendo formado por professoras e universitárias, a organização "é um grupo feminista, sobretudo político e social, que tem como objetivo lutar pelas conquistas de equidade de direitos entre homens e mulheres" (UMPIN, 2021). Antes da pandemia, o grupo atuava principalmente em eventos nas escolas e universidades, com a chegada da covid 19 o grupo passou atuar nos bairros periféricos e comunidades rurais com a doação de cestas básicas. Além disso, o grupo se articula com outras organizações em manifestos e mobilizações do município como o "Fora Bolsonaro" e ações do dia 8 de março. O segundo, Coletivo Tamo Juntas, é um movimento cultural que busca a valorização da mulher na arte e no hip hop. O grupo criado em 2018, integra cerca de 30 mulheres, jovens, crianças e levanta a bandeira do protagonismo feminismo na cultura da dança e da arte.

> Nossa perspectiva feminista já vem desde o início de quando a gente resolveu se unir como um grupo de bgirls, porque na nossa cidade e no mundo inteiro, no hip hop, a gente tem um número muito inferior ao número de bboys. [...] a gente vê poucas batalhas que contemple só o público feminino, é mais fácil você achar batalhas que contemplem o público masculino. A cultura hip hop é majoritariamente dominada por homens e então a gente vem pra romper essa barreira da mulher dentro do hip hop. Hoje a mulher ela ainda é minoria dentro de todos os elementos da dança, que é o break e outros estilos que o hip hop comtempla, é minoria dentro das artes visuais e plásticas, como o grafite, é minoria na questão das mcs, das djs. Aqui no Amazonas nós temos poucas djs, no geral, a gente é minoria (COLETIVO TAMO JUNTAS, 2021).

A partir do exposto, observamos que as mulheres são atrizes protagonistas dos movimentos sociais no referido município. Como aponta Gohn (2014), são elas que estão atuando nas organizações não governamentais, nas associações de bairros e comunitárias, nas entidades populares ou assistenciais, nas organizações criadas por

empresas, nos conselhos de gestão pública, etc. Essas mulheres têm se destacado nos processos organizativos e de participação política, são maioria tanto no movimento feminista quanto nos movimentos populares que lutam por melhores condições de vida e de trabalho.

Concordamos com Pedro e Guedes (2010) que essas mulheres estão lutando por muito mais do que ir contra a cultura machista naturalizada em nossa sociedade. A luta das quais são protagonistas, não se limita somente a igualdade de direitos no campo econômico e político, vai além, é a luta por liberdade, pelo fim das formas de preconceito e discriminação nos diversos espaços que desejam conquistar, é por emancipação humana.

4 CONCLUSÃO

Como podemos perceber ao longo deste trabalho, as mulheres têm se destacado como verdadeiras atrizes dos movimentos sociais por vários séculos, e foram responsáveis por conquistas democráticas em aspectos gerais e específicos. Isso demonstra como os movimentos sociais são importantes instrumentos de transformação social, pois abalam as estruturas do Estado produzindo mudanças nos rumos sociopolíticos dos grupos sociais (GOHN, 2014).

Particularmente em Parintins, os movimentos de mulheres não deixam de ser movimentos feministas, pois são pioneiros na cena política do município, e embora tenham diferenças entre si, encontram-se no ponto central que é comum a todas: a luta pela emancipação das mulheres. Na cena contemporânea, permanecem ativas, construindo uma forte identidade coletiva e dando margem ao surgimento de novas organizações sociais que ampliam a luta, como por exemplo, os coletivos relacionados à cultura, em que as mulheres buscam o protagonismo na arte e na dança; e aqueles que nascem nas universidades, trazendo contribuições e reflexões indispensáveis as organizações sociais e a comunidade em geral do município.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Milena Fernandes. **"O começo do fim do mundo":** violência estrutural contra mulheres no contexto da hidrelétrica de Belo Monte. 2018. 385f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 17, v. 49, p. 177-133, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. **SER social**, Brasília, v. 15, n. 33, p. 261-384, jul./dez. 2013.

_____. **Novas teorias dos movimentos sociais.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: **I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

REIS, José Roberto Franco. O coração do Brasil bate nas ruas: a luta pela redemocratização do país. In: FIDÉLIS, Carlos; FALLEIROS, Ialê (Orgs.). **Na corda bamba: a saúde no fio da história.** Rio de Janeiro: Fio Cruz/EPSJV, 2010. Cap. 7, p. 221-236.

TORRES, Iraildes Caldas. O contemporâneo e os novos coletivos de mulheres. **SER Social**, Brasília, v. 22, n. 42, p. 432-454, jul./dez. 2020.